

Título  
O tempo dos triciclos

Texto  
© Filomena Vasconcelos

Ilustrações  
© Inês Martins

Coordenação da Edição  
Alfarroba

Revisão e Edição  
Alfarroba

Design e Paginação  
Catarina Amaro da Costa | Alfarroba

Impressão e Acabamento  
Portugal

ISBN  
978-989-9197-02-2

Depósito Legal  
526 329/24

1.ª edição, fevereiro 2024

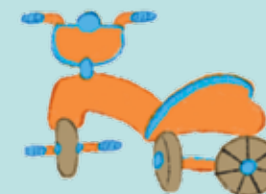
uma edição a pedalar da Alfarroba  
© fevereiro 2024, Alfarroba

telefone: 210 998 223  
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



[www.alfarroba.com.pt](http://www.alfarroba.com.pt)

# O tempo dos triciclos



  
alfarroba

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização da editora.

## A cozinha em pé de guerra

O Mané entrou de rompante pela porta da cozinha, em alta gritaria e completamente imundo. Agarrou-se ao avental da Glória e rodopiou à sua volta, quase tirando a pobre mulher do sério e do equilíbrio, ela que no vagar da idade e dos passos lá ia seguindo com as rotinas para o jantar. E assim a Glória tornava-se no escudo do Mané contra as investidas da Nini.

A Nini, de seu nome próprio Maria Inácia, era a irmã de oito anos do Mané. Usava longas tranças acobreadas e corria esbaforida atrás do rapazito, com um sapato de senhora na mão. Tinha o rosto corado a rosa-choque, já meio esborratado a lápis preto, que lhe escorria dos olhos à velocidade das lágrimas e ameaçava entrar pelo vermelho intenso da boca, pintalgada por largo como a de um palhaço. O irmão, de cinco anos bem espevitados, era o diabo em figura de gente – segundo a Glória – e adorava arreliar a Nini, que tinha quase o dobro da idade dele e já andava no terceiro ano, a passar para o quarto. Protegido pela velha empregada que, todos sabiam, tinha um fraquinho por ele, o Mané desatou numa demonstração infundável de caretas, cada qual a mais terrível, só para irritar a mana. Ainda tentou agarrá-la pelas tranças, mas a Nini foi mais rápida! É que de tola ela não tinha nada e, de resto, conhecia todos os truques do irmão. Em vez disso, atirou com o sapato àquele puto idiota, trocando as voltas à defesa da Glória. Mas a mulher era um escudo invencível – parecia uma parede... não, uma muralha! Ainda por cima, mexia-se com os braços abertos, como os guarda-redes!

– Na-na-na-na-na! – cantarolava o Mané zombeteiro. – Maria Inácia! Ó Inácia, Inácia!

A Nini fumegava, cada vez mais rubra. Odiava solenemente que a chamassem pelo verdadeiro nome, pois ninguém na vida se chamava Maria Inácia... qual Maria Inácia! Só mesmo ela!

– Um nome antigo e de família... muito bonito! – dizia a mãe, sem grande convicção na missão impossível de consolar a inconsolável





Nini. – Além disso é raro... não há mal nenhum nisso, ou há?

É claro que havia, e a mãe só queria arranjar desculpas... O nome da bisavó! Onde é que já se viu? E avós com nomes mais normais, não havia? Porquê? Azar da bisavó! Mas que culpa tinha a bisneta de semelhante azar da bisavó? Bem, felizmente ninguém no mundo real à volta da Nini se lembrava da Maria Inácia! Tirando o anormal do Mané... impensável! Completamente proibido. Nem na escola, ponto final. Só nos testes, chatice máxima – era a Maria Inácia para aqui, a Maria Inácia para ali, tudo por escrito... mas tudo calado, sem som, no segredo do papel.

Mas mais grave ainda era um outro caso! Quando o pai ou a mãe, ou os dois juntos, se zangavam a valer e ralhavam forte e feio à Maria Inácia. A Nini ficava de fora, como se nada fosse, até tudo voltar ao normal.

Só o otário do Mané é que não...! Irritante ao máximo, com aquela carinha de anjo papudo! Sorte a dele ter um nome mais aceitável. Enfim, nada de especial, não exageremos, só um pouquinho mais aceitável...!

Mas voltando à cena da cozinha. É que naquela roda-viva, a Maria Inácia, ah, desculpem, a Nini não desistia de fintar a Glória, combater aquelas duas tenazes de lagosta no ar, a defender o Mané, e acertar-lhe com o sapato, que até era da mãe... prateado e de salto alto... Mas era por uma boa razão.

– Vais apanhar! Ai isso é que vais! Já vais ver quem é a Maria Inácia! Não perdes pela demora, Mané! Espera até que eu conte tudo ao pai e à mãe! Não tinhas o teu triciclo? Logo a minha bicicleta nova, da Barbie!

– Conta, conta, Maria Inácia! Que eu digo à mãe, digo, digo tudo... sabes? Vou dizer que tu pegas nos sapatos dela, vês? Pões-te de saltos altos! Os sapatos prateados da mãe...

A Nini olhou para o sapato que segurava na mão e sentiu-se apanhada em flagrante.

– Só olhei para eles! E a mãe nem usa estes sapatos... diz que são muito altos, só para casamentos e batizados! Abri a caixa só para ver! Ver não faz mal... depois peguei num porque vim à pressa!

Claro que era mentira, e a Nini sabia.

– Ah, ah, mente, mente! Ficas como o Pinóquio, com um nariz de metro e meio!

A Nini escancarou-lhe os olhos e a boca numa careta assustadora e desatou numa série de gargalhadas forçadas.

– Dah-ah! – repetia ela, gesticulando com a mão à frente dos olhos.

– O Pinóquio? – troçava a Nini. – Ui, que medo! Mané-bebé... O Pinóquio não existe! É uma historinha para crianças... e é de pau...

– É nada! Queres saber mais que a Glória? A Glória sabe muito bem o que aconteceu ao Pinóquio!

A Nini encolheu os ombros e continuou as piruetas com as mãos, enquanto saltaricava descalça de um pé para o outro. Era escusado... O Mané não percebia! Ele nem sequer andava no primeiro ano!

Mas o Mané pouco se ralava com as conclusões de vida da Nini. Queria era dar-lhe cabo do juízo, porque ela era mesmo uma chata, com a mania de que era grande! A Glória é que sabia: o Pinóquio ficou com um nariz grande e a Nini também ia ficar.

